



Margarida Santos Alpalhão
Universidade Nova de Lisboa

*D*o dit e do lai: o conto medieval

Palavras-Chave: Dit, Lai, Rutebeuf, Literatura medieval, Literatura medieval francesa

Keywords: Dit, Lai, Rutebeuf, Medieval literature, Medieval French literature

Resumo: Além de uma breve menção ao dit e ao lai, pretende-se, com este trabalho, reunir textos que permitam inserir no género do conto (medieval) alguns dits e alguns lais, todos de origem francesa.

Para o efeito são utilizados, em particular, o Dit de Freire Denize Le Cordelier, de Rutebeuf e o Dit de L'Empereur Coustant.

Abstract: Apart from a short description of the dit and the lai, in this paper we intend to gather a number of French texts belonging to these genres and show their affinities with the medieval forms of the short story. With this purpose in mind we referred, in particular, to the Dit de Freire Denize Le Cordelier, of Rutebeuf and the Dit de L'Empereur Coustant.

Ao aceitar este desafio espero, a um tempo, relacionar reflexões e leituras dispersas e contribuir para a reflexão em curso sobre a narrativa breve.

Antes de iniciar este percurso, também relativo à questão do código dos géneros narrativos, parece-me necessária uma nota prévia relativa à própria nomenclatura usada.

Empregarei a palavra francesa *dit* para designar os textos franceses assim nomeados de que aqui falarei. O dito, em português, (dito popular ou provérbio) encerra uma semântica diversa da que o vocábulo francês actualiza no discurso, a

saber: «poème qui, comme son nom l'indique, n'est pas destiné à être chanté»¹.

A palavra *lai* encontra-se atestada em português através dos textos presentes no Cancioneiro da Biblioteca Nacional e num códice da Biblioteca Vaticana².

A referência aos dois géneros em título só aparentemente surge bipartida, porquanto alguns textos usam, a par de conto (ou mesmo de romance), ora um ora outro termo, para se referirem a um mesmo texto, situação documentada através dos três exemplos seguintes:

Rutebeuf (c.1230-c.1285) em *Le Dit de Frère Denise le cordelier*, escreve:

I. proverbes dit et raconte
Que tout n'est pas ors c'on voit luire.
Por ce m'estuet, ainz que je muire,
Faire .I. flabel d'une aventure

¹ Michel Zink, «Dit» in *Dictionnaire des Lettres Françaises-Le Moyen Âge*, Paris, Fayard, 1992, p. 385.



De la plus bele criature
Que hom puisse troveir ne querre
De Paris juqu'en Aingleterre.³

Do mesmo modo, Marie de France, em *Guigemar*, anuncia:

Les contes que jo sai verais,
Dunt li contes Bretun unt fait les lais,
Vos conterai assez briefment.
(...)
De cest cunte qu'oï avez
Fu Guigemar li lais trovez,
Que hum fait en harpe e en rote;
Bone en est a oïr la note.⁴

E em *Milun*:

Ki divers cuntes vuelte traitier
Diversement deit comencier
E parler si raisnablement
Que il seit plaisible a la gent.
Ici comencera Milun
E musterrai par brief sermun
pur quei e coment fu trovez
Li lais ki issi est numez.⁵

Além de uma designação fluida e oscilante, importa não esquecer que os textos considerados nos géneros mencionados são, por norma, versificados.

De divergências e de afinidades entre ambos surge uma parte deste trabalho, ainda muito parcelar.

A dificuldade de delimitar cada um dos géneros, na época medieval, é compreensível. Além de a fixação das línguas novilatinas estar ainda em curso na Idade Média, – a primeira gramática de francês, *Li Donait françois*, data da primeira metade do século XV⁶ –, por um lado «são muitos os géneros criados *ex novo*»⁷ e, por outro, a formalização teórica da versificação parece ter-se mantido na esfera do latim, ou do grego, ou da sua herança já aculturada, surgindo tarde na produção escrita medieval nas línguas românicas.

Relembro que *l'Art de Dictier*, o mais antigo tratado de versificação conhecido em francês, data de 25 de Novembro de 1392⁸. E é ao longo do século quinze e da primeira metade de

² Anna Ferrari, «Lai» in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho, 1993, p. 375.

³ Michel Zink (ed.), *Oeuvres complètes* [Document électronique]. Tome 1/Rutebeuf, disponível na Internet via <http://gallica.bnf.fr/scripts/ConsultationTout.exe?O=N101490&E=0> Consultado em 3 de Junho de 2003.

⁴ Laurence Harf-Lancner (ed.), *Les Lais de Marie de France*, Paris, Le Livre de Poche, Col. Lettres Gothiques, 1990, p. 27 e 70.

⁵ Id., *ibid.*, p. 220.

⁶ Pierre Swiggers, «Le *Donait françois*: la plus ancienne grammaire du français», *Revue des Langues Romanes*, tomo 89-2, 1985, p. 235 ss.

⁷ C. Segre, «Géneros», in *Enciclopédia Einaudi – Texto*, vol. 17, Lisboa, IN-CM, 1989, p. 73.



quinhentos que encontramos vários tratados sobre versificação, ou Segunda Retórica, isto é, uma retórica destinada a textos laicos, em língua romance: *Des Rymes et Comment se Doivent Faire*, de Jacques Legrand (início do séc. XV); *Les règles de seconde rhétorique* (anterior a 1432); *Le Doctrinal de la Seconde Rhétorique*, de Baudet Hérenc (1432); *Traité de l'Art de Réthorique* (primeira metade do séc. XV); *L'Art de Réthorique Vulgaire*, de Molinet (final do séc. XV); ou, depois de mudar de centúria, *L'Instructif de la Seconde Rhetorique*, 1501; *Grand et Vrai Art de Pleine Rhétorique*, de Pierre Fabri, 1521; *Art et Science de Rhétorique Métrifiée*, de Gratien du Pont, 1539, por exemplo. A poética parece só conhecer ampla formalização classificadora com o Renascimento.

Tendo em conta a natureza cantada, ou não, dos géneros em análise – veja-se o próprio texto do lai de Guiguemar citado acima – convém lembrar que nestes tratados medievais sobre versificação, o lai decorre da Música, ou decorre da Retórica, num universo, ocidental, em que o conhecimento se encontrava mais ou menos classificado de acordo com as sete artes liberais.

Assim, é dentro da sétima arte liberal que vamos encontrar, na *Art de Dictier*, a versificação. Ali, a música apresenta-se dividida em música artificial (hoje diríamos instrumental) e música natural. E nesta incluem-se quer o canto, «musique de bouche»⁹, – no âmbito do qual se incluem, entre outros géneros, o lai – quer a fala. Reserva-se, portanto, a esta os «diz et chançons» que «se lisent de bouche, et proferent par (...) voix non pas chantable»¹⁰.

No entanto, no mesmo século, Guillaume de Machaut (1300-1377), no prólogo do seu *Dit do Vergier* inscreve a versificação como parte da Retórica.

Mas quer os géneros sejam referidos e agrupados pela presença ou ausência de canto, quer pelo facto de incluírem textos em verso, tal perspectiva coloca-nos perante uma delimitação externa e baseada na forma. E ainda que, como diz André Jolles, «les études littéraires essayent d'interpréter les phénomènes littéraires d'après leur *beauté*, leur *sens* et leur *forme*»¹¹ e que estas linhas de análise formem uma unidade, o objectivo desta reflexão enquadra-se, ou pretende fazê-lo, numa tentativa de questionar a integração dos géneros medievais em análise – o lai e o dit – no modo (deveria dizer submodo?) da narrativa breve.

Ocupar-me-ei, neste espaço, do dit.

De natureza e inspiração variadas, o dit foi definido por Jacqueline Cerquignani segundo três critérios relativos à enunciação: a descontinuidade, uma enunciação na primeira pessoa do singular e no presente e um sujeito da enunciação correspondente ao clérigo-escritor¹².

Mas relativamente ao objecto deste trabalho, importa considerar os critérios hoje considerados no âmbito da narratividade.

De acordo com esta abordagem, vários são os dits que, desde logo, afastaremos, porque não textualizam as categorias da narrativa.

Assim, por exemplo, o *Dit des IIII offices*, de 1360, apresenta uma rubrica inicial que remete para o género dramático: «Cy commence un beau dit des IIII offices de l'ostel du roy, c'est assavoir panneterie, eschançonnerie, cuisine et sausserie, a jouer par personnaiges»¹³. Ou *Le Dit des Hérauts* de Henri de Laon (séc. XIV) inspirado no *Conte* homónimo de Baudouin de Condé, que se revela uma reflexão, satírica, sobre a função do Arauto e o o seu *modus vivendi*:

⁸ Eustache Deschamps (ed.), «L'Art de Dictier», in *Oeuvres complètes*, tomo 7, Paris, Lib. Firmin-Didot et C., 1891, p. 266-292.

⁹ Id., *ibid.*, p. 270.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 271.

¹¹ André Jolles, *Formes Simples*, Paris, Seuil, 1972, p. 11.



Nul millieur que d'estre hiraus,
Car je voi bien que li un d'aus
Conteroit en une journee
Quanc'on fait d'armes en une annee
Et s'en seroit petit lasés.¹⁴

Ou, ainda, vários dos dits de Rutebeuf de entre os quais, para mencionar apenas mais um exemplo, destacaremos o *Dit de l'Herberie* (séc. XIII), que mais se assemelha ao discurso de um vendedor de 'simples e drogas':

Seigneur qui ci este venu,
Petit et grant, jone et chenu,
Il vos est trop bien avenu,
Sachiez de voir.
Je ne vos wel pas desovoir:
Bien le porreiz aparsouvoir
Ainz que m'en voize.
Aseeiz vos, ne faites noise,
Si escouteiz, c'il ne noz poize:
Je sui uns mires,
Si ai estei en mainz empires.
(...) je vos apanrai a garir dou mal des vers, se vos le voleiz oïr. Voleiz l'oïr?¹⁵

E uma primeira leitura de alguns destes dits mostram-nos, desde logo, que o dit se serve, com frequência, de apóstrofes e de imperativos, inscrevendo-se num, suposto, discurso directo, como é o caso no exemplo acima. Além de que, também por este meio, estes textos apontam para um discurso oral, fazendo jus ao seu próprio nome.

Importa aqui, no entanto, analisar os dits considerados narrativos.

Usarei dois exemplos: *Le Dit de Frère Denise le Cordelier* e *Li Dis de l'Empereour Coustant*, ambos do século XIII, o primeiro de Rutebeuf.

Le Dit de Frère Denise le Cordelier surge, no âmbito de uma reflexão (correspondente aos 20 versos iniciais do texto), a partir do provérbio: o hábito não faz o monge, no original: «li abiz ne fait pas l'ermitte». Nesta reflexão inicial, o narrador anuncia que vai contar «une aventure/ de la plus bele criature/ que hom puisse troveir ne querre».

Vejamos o texto.

De início uma donzela, Denise, filha de cavaleiro, que vive com a mãe, recusa o casamento. O contacto frequente com os franciscanos ofereceu-lhe uma oportunidade de, aparentemente, realizar o seu desejo: ingressar na vida monástica:

Or avint c'uns en i hanta
Qui la damoizele enchanta,
Si vos dirai en queil maniere.
La pucele li fist proiere
Que il sa mere requeïst
Qu'en religion la meïst,
Et il li dist: "Ma douce amie,

¹² Jacqueline Cerquilligni, «Le clerc et l'écriture: le Voir dit de Guillaume de Machaut et la définition du dit», *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters* 8-1, 1980, p. 87.

¹³ Eustache Deschamps, *Oeuvres complètes*, tomo 7, Paris, Lib. Firmin-Didot et C., 1891, p. 175.

¹⁴ Arthur Langfors (ed.), «Le Dit des Hérauts par Henri de Laon», *Romania*, tomo 43, 1914, p. 216-225.

42 | *Do dit e do lai: o conto medieval* | Margarida Santos Alpalhão



Se meneir voliez la vie
Saint Fransois, si com nos faisons,
Vos ne porriez par raison
Faillir que vous ne fussi[ez] sainte.”¹⁶

Mas ajudada por um frade «plus fel qu’Érodes», «cui le Anemis/ contraint et sermont et argüe», Simão, o encantamento condu-la ao espaço do duplo e, portanto, ao da negação da própria identidade da personagem: é que é disfarçada de frade que Denise consegue entrar «en religion». Ali vive, como companheiro preferido de Simão que lhe ensina a regra da Ordem e outros novos jogos, a seu belo prazer, enganando todos os outros. A situação altera-se quando, numa viagem, ...

(...) par aventure
Qu’il vindrent chez .l. chevalier
Qui ot boens vins en son selier
Et volentiers lor en dona.
Et la dame s’abandona
A regarder frere Denize.
Sa chiere et son semblant avise:
Aparseüe c’est la dame
Que frere Denize estoît fame.
Savoir wet ce c’est voirs ou fable.¹⁷

A pretexto de se confessar a Denise, que entretanto se assumira como frade Denis, consegue uma confissão da donzela sobre o sucedido. Desmascarada a situação de Denise e apurada a responsabilidade de Simão, a dama, «sage et cortoise», e o cavaleiro encontram um meio de resolver tal situação: Simão deve encontrar «tost .l.v. cent livres/A marier la damoizele» e «congié a pris», enquanto a dama envia um mensageiro buscar a mãe de Denise, que «moult fut a malaise .../ qui ne savoit ou sa fille ere». Depois do reencontro da mãe e da filha...

... tant fu Denize laians
Que li denier furent rendu.
Aprés n’ont gaires attendu
Qu’el fu a son grei assenee.
A un chevalier fu donee
Qui l’avoit autre fois requise.
Or ot non ma dame Denize
Et fu a mout plus grant honeur
Qu’en abit de Frere Meneur.¹⁸

Encontramos, portanto, no texto as funções necessárias para o considerar segundo os parâmetros da narratividade. As categorias fundamentais consideradas neste campo de reflexão estão presentes no texto, quer ao nível da estrutura, quer ao nível das funções.

¹⁵ Michel Zink (ed.), *Oeuvres complètes* [Document électronique]. Tome 1/Rutebeuf, disponível na Internet via <http://gallica.bnf.fr/scripts/ConsultationTout.exe?O=N101490&E=0> Consultado em 3 de Junho de 2003.

¹⁶ Michel Zink (ed.), *Oeuvres complètes* [Document électronique]. Tome 1/Rutebeuf, disponível na Internet via <http://gallica.bnf.fr/scripts/ConsultationTout.exe?O=N101490&E=0> Consultado em 3 de Junho de 2003.

¹⁷ Id., *ibid.*



Introduzida a narrativa pelo verso «vous dirai coument il avint», e de um ponto de vista hermenêutico, este é um texto que apresenta o percurso típico da construção da identidade do herói medieval, inscrevendo-se também assim, claramente, no conjunto dos dits que podemos considerar como narrativas breves (o dit é composto por cerca de 350 versos).

Vejamos, agora, *Li Dis de l'Empereur Coustant*, que o editor considera uma «version poétique du conte de l'Empereur Coustant»¹⁹.

O dit inicia-se com uma reflexão sobre as mudanças do tempo e da Fortuna, que ocupa os 45 versos iniciais, e continua com a narrativa, iniciada com a expressão «Il ot jadis...» no 46.º verso.

A narração introduz, assim, Floriens, rei da Grécia e imperador de Bizâncio, que casara com Donna Florien, filha do imperador romano Augustus, mas «par moult loial compaignie/ furent un poi de tamps ensanle», porque a rainha morre de parto.

Li enfes que li demoura,
De quoi la dame trespassa,
Ce estoit une demoiselle
Sour toutes creatures bielle:
Sebelinne fu appiellee
Et Sebile en droit nom nommee.²⁰

E porque o pai a pretende preservar, envia-a para um castelo seu, longe de Bizâncio, para ali ser criada. No entanto, numa noite em que pretendia «lui un petit oublier», passeando-se pelas ruas da sua cidade, ouve uma mulher do povo gritar com dores de parto:

Et Dieu droit en celle eure fist
La dame d'un fil delivrer
Dont chi apriès orés parler.
Cieus astronomiens estoit;
O lui un sien ami avoit
A cui il dist ces mots ensi:
«Or saciés,» fait-il, «tout de fi
que mes enfens, qui chi est nés,
de Griesse sera couronnés,
empereres de ceste ville,
rois del roiaume de Sesille,
de Romme emperere sera,
nuls detourner ne l'em pora
pour destainte ne pour pooir,
car a fame en avera l'oir
qui fille est no roi Florien.»²¹

Desagradado com o que acabara de ouvir, o rei consegue mandar raptar o recém-nascido, fere-o de morte e manda-o afogar. Não cumprindo o que lhe fora ordenado, o camareiro do rei deixa a criança à porta de uma abadia. Encontrada, a criança é tratada e sobrevive e que

¹⁸ Id., *ibid.*

¹⁹ Alexandre Wesselofsky (ed.), «Le Dit de l'Empereur Coustant», *Romania* 1877, p. 162-169.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 163.



«pour çou qu'il ot cousté tant/ li missent il a nom Coustant», sendo educada com esmero pelo abade. No entanto, acompanhando o abade à presença do imperador ...

...li enfes moult lui plaisoit,
mais il savoit tout de ciertain
que c'estoit li fieus d'un vilain,
et pour çou l'empereur sanloit,
se sa fille espousee avoit,
qu'elle en seroit avilenee.²²

Assim, Floriens vai tentar tudo, para que a morte de Constantino o impeça de realizar o seu destino. E, por ordem do imperador, é o próprio que, sem o saber, deve entregar a ordem da sua morte ao presbítero que o imperador encarregara de educar Sibila. Aguardando para cumprir a ordem que lhe fora dada, Constantino adormece, é visto pela filha de Floriens que vê e lê a ordem do pai e, perante a beleza do jovem, a troca por outra, ordenando o seu próprio casamento com o desconhecido. Desta feita, quando o imperador vai confirmar o cumprimento da sua ordem.

...il vit les deux enfans
devant lui main a main tenans,
plains de grascieuse biauté,
pris fu d'amour et de pitié:
ens es bouches les a baisiés
et se mis ses mains sour lor ciés.²³

E, com a morte de Floriens, dois anos depois, Constantino «saissi tou l'iretage», cumprindo o que os astros lhe haviam destinado. E porque sempre soube reinar com nobreza e bom-senso...

L'appelloient Coustant le noble:
Et pour çou ot Coustantinnoble
La cyté de Bissance a nom,
Qui encore est de grand regnon.²⁴

Também neste dit encontramos as categorias que nos permitem agrupá-lo nos dits narrativos: as personagens identificadas, assumindo-se como oponentes e adjuvantes; um espaço e um tempo localizáveis e, neste caso; um evento que apresenta uma complicação e uma resolução, por exemplo. E no caso deste dit, além da narrativa da infância de Constantino, devemos também considerar a lenda etiológica que o encerra. De natureza narrativa, tal como o dit de Rutebeuf, este revela, no entanto, uma divergência daquele, pelo facto de a personagem construir um percurso de maturação previamente anunciado. Mas este aspecto da narrativa não é um elemento novo, porquanto vários são os heróis, não apenas medievais, fadados à nascença.

Antes de terminar, gostaria de mencionar que, ainda que não se incluam aqui, agora, exemplos de lais, bastará pensarmos naqueles de que me servi para documentar a oscilação

²¹ Id., *ibid.*, p. 164.

²² Id., *ibid.*, p. 165.

²³ Id., *ibid.*, p. 169.

²⁴ Id., *ibid.*



da designação do género de texto para não nos restarem dúvidas de que o lai faz parte da narrativa breve medieval.

Em ambos encontramos o percurso de um herói que, de modo recorrente na narrativa medieval, conquista o direito à sua maturidade e à sua identidade, através de aventuras, o que lhe garante o direito ao amor. No caso do segundo destes heróis, Milun, a conquista definitiva da sua amada é conseguida pela mão do próprio filho, situação algo inusitada.

Em jeito de conclusão prévia, e depois do que acima se enuncia, quero apenas acrescentar que, se nem todos os dits e lais podem ser considerados narrativos, vários são os que podemos agrupar neste género literário. Uma selecção de textos de acordo com este critério talvez venha a permitir, inclusive, chegar a uma classificação segundo as funções, como acontece com o conto popular.